

# A SOCIOLOGIA DE ZYGMUNT BAUMAN: MODERNIDADE LÍQUIDA E CONSUMISMO NO CONTEXTO DA CONTEMPORANEIDADE

*ZYGMUNT BAUMAN'S SOCIOLOGY: LIQUID MODERNITY AND CONSUMPTION IN THE CONTEXT OF CONTEMPORANEITY*

*LA SOCIOLOGÍA DE ZYGMUNT BAUMAN: MODERNIDAD LÍQUIDA Y CONSUMISMO EN EL CONTEXTO DE LA CONTEMPORANEIDAD*

Ana Cássia Gabriel<sup>1</sup>  
Ana Lúcia Pereira<sup>2</sup>  
Fábio Antonio Gabriel<sup>3</sup>

## Resumo

Este artigo objetiva desvelar as contribuições do pensamento de Zygmunt Bauman para a compreensão da sociedade contemporânea permeada pela modernidade líquida. O conceito de modernidade líquida diferencia-se da modernidade sólida, pois, em se tratando de verdades definitivas e inquestionáveis, o mundo atual é o momento em que se vive, e, assim, nele, o sempre se torna obsoleto. No contexto da modernidade líquida, o egocentrismo evidencia-se e transforma as relações em volúveis e instáveis. Além disso, a necessidade do consumismo exacerbado — nessa sociedade em que tudo se resume no agora — aliena aos que buscam dar um sentido à vida por meio de um consumo desenfreado. No contexto contemporâneo, tudo acaba sendo considerado uma mercadoria; há, assim, uma instrumentalização das pessoas. Consumir torna-se um imperativo para ser reconhecidos. Assim sendo, este texto destaca a importância do pensamento de Zygmunt Bauman para um entendimento tanto da contemporaneidade quanto das contribuições da Sociologia para os tempos atuais.

**Palavras-chave:** modernidade líquida; consumismo; sociedade do consumo; liquidez.

## Abstract

This paper aims to reveal the contributions of Zygmunt Bauman's thought to comprehend contemporary society permeated by liquid modernity. The concept of liquid modernity differs from solid modernity because, when it comes to definitive and unquestionable truths, the current world is the moment in which one lives, and, thus, in it, the idea of always becomes obsolete. In the context of liquid modernity, egocentrism becomes evident and transforms relationships into fickle and unstable. In addition, the need for exacerbated consumerism — in this society where everything boils down to the present moment — alienates those who seek to give meaning to life through unrestrained consumption. In the contemporary context, everything ends up being considered a commodity; hence, there is an instrumentalization of people. Consuming becomes imperative to be recognized. Therefore, this text highlights the importance of Zygmunt Bauman's thought to understand both contemporaneity and the contributions of Sociology to the present time.

**Keywords:** liquid modernity; consumerism; consumer society; liquidity.

## Resumen

Este artículo tiene como objetivo desvelar las contribuciones del pensamiento de Zygmunt Bauman para la comprensión de la sociedad contemporánea permeada por la modernidad líquida. El concepto de modernidad líquida se diferencia del de modernidad sólida porque, cuando se trata de verdades definitivas e incuestionables, el mundo actual es el momento en que se vive y, por lo tanto, en él, la idea de siempre se vuelve obsoleta. En el contexto de la modernidad líquida, el egocentrismo se hace evidente y transforma las relaciones en volubles e inestables. Además de eso, la necesidad del consumismo exacerbado — en esta sociedad en la que todo se resume en el ahora —, aliena a quienes buscan darle sentido a la vida por medio de un consumo desenfreado. En el

---

<sup>1</sup> Bacharel em Direito UNIFIO/ especialista em Direito.

<sup>2</sup> Professora doutora concursada da UEPG.

<sup>3</sup> Pós-doutorando em Educação pela UEPG/ professor de Filosofia da rede estadual.

contexto contemporâneo, todo acaba siendo considerado una mercancía; hay, por tanto, una instrumentalización de las personas. Consumir se convierte en un imperativo para ser reconocidos. Siendo así, este texto destaca la importancia del pensamiento de Zygmunt Bauman para la comprensión tanto de la contemporaneidad como de las contribuciones de la Sociología a los tiempos actuales.

**Palabras-clave:** modernidad líquida; consumismo; sociedad de consumo; liquidez.

## 1 Introdução

Zygmunt Bauman marca a história do pensamento ocidental contemporâneo na sua caracterização da sociedade atual como líquida. Quando observamos, por exemplo, os relacionamentos, podemos perceber quão efêmeros e passageiros eles se tornaram. Contudo, para compreendermos a contemporaneidade, faz-se necessário que retornemos ao início da Idade Moderna para percebermos as transformações conceituais pelos quais a formação da sociedade passou, nos mais diversos contextos. Urge, assim, ressaltarmos que, a partir da Idade Moderna, com o advento das ideias de René Descartes, um novo contexto se descortinou para a compreensão do que seria a ciência, atrelada à hipótese da dúvida metódica. Com a sua máxima “Penso, logo existo” (*Cogito ergo sum*), o filósofo Descartes apregoou a dúvida como método seguro para chegarmos a um conhecimento verdadeiro e seguro. Somos convidados, assim, a duvidar de tudo; duvidando de tudo, temos uma certeza: a de que estamos duvidando e, se duvidamos, estamos pensando e, se pensamos, existimos.

Se até a Idade Média estava assegurada a existência do sólido — a verdade dogmática —, a partir da Modernidade, os sólidos passaram a se liquefazer. Assim sendo, as verdades consolidadas passaram a ser questionadas, cedendo lugar a profundos questionamentos. A própria Igreja Católica viu-se provocada a fazer uma contrarreforma diante dos pressupostos da reforma de Martinho Lutero. O pensamento deixou de ser monopólio do Estado, que se encontrava atrelado à Igreja, e surgiram novas possibilidades de entender-se o mundo e compreender a existência. Na Idade Contemporânea, em que as verdades se tornam metáforas muito fluídas e voláteis, os sólidos da história dissolvem-se, e verdades efêmeras — que duram instantes — se fazem realidade nos fatos.

Dito isso, neste artigo, discorreremos, inicialmente, sobre a modernidade líquida, segundo a interpretação do sociólogo Bauman, em busca de nuances de significações que pesquisadores identificam no pensamento do sociólogo em referência. Posteriormente, abordamos a questão do consumismo na sociedade contemporânea como uma espécie de sintoma da modernidade líquida.

## 2 Modernidade líquida na interpretação de Bauman

Nesta seção, trazemos discussões a respeito do conceito de modernidade líquida com base no pensamento do sociólogo Bauman, em um esforço investigativo de compreender os desdobramentos conceituais dessa expressão no cotidiano da sociedade. Furlan e Maio (2016, p. 283), ao discutirem o impacto das mudanças no âmbito da educação contemporânea, destacam que Bauman entende que a liquidez moderna “[...] pressupõe a transitoriedade universal, a fluidez instantânea das coisas, dos conhecimentos, das relações humanas”.

Oliveira (2012) evidencia o incansável esforço epistemológico de Bauman em entender os tempos contemporâneos como uma “modernidade líquida”. Bauman fundamenta-se no oposto do que seria a modernidade sólida; nesse sentido, Oliveira (2012) entende que a Modernidade surge com o arrefecimento dos antigos sólidos. É importante lembrarmos, conforme destacamos anteriormente, que René Descartes colocou como fundamento de sua filosofia a dúvida metódica, que culminou na expressão: “Penso, logo existo”. Assim, a Modernidade surgiu como implosão das crenças e das cosmovisões presentes na sociedade até a Idade Média. A modernidade sólida consistia em um período em que as próprias relações humanas eram mais duradouras e as verdades metafísicas eram consideradas inquestionáveis; neste tempo, o próprio iluminismo contribuiu para a fixação de conceitos universais e enciclopédicos. Bauman (2001) não pretende realizar juízos de valor sobre o fato de o período da modernidade sólida ser mais importante para a sociedade; mas deseja que se entenda que estamos em novos tempos, qual seja, o da prevalência da modernidade líquida.

Com o advento da modernidade líquida, “[...] o próprio tempo parece adquirir um ritmo mais acelerado” (OLIVEIRA, 2012, p. 29). Os sólidos derretem-se e não se constituem na concretização de novos sólidos, mas, sim, na efetivação de novos líquidos. Na modernidade líquida, exacerba-se o individualismo; a felicidade acaba por reduzir-se à busca desenfreada da realização pessoal, tanto na sociedade quanto no mercado. Desse modo, conforme aponta Oliveira (2012), as identidades são colocadas à prova em uma sociedade em que se tornam líquidas com muita facilidade:

No mundo líquido, as identidades são expostas e o indivíduo escolhe em qual se encaixa e que exemplos de outros indivíduos quer seguir, em detrimento da construção da sua própria identidade. Aliás, a identidade é mais um objeto disposto nas prateleiras, pronto para ser consumido (OLIVEIRA, 2012, p. 32).

Na continuidade das reflexões sobre a modernidade líquida em Bauman, vemos Bungenstab (2014) a afirmar que a modernidade líquida colocou em xeque os ideais da modernidade sólida. Assim, o conceito de identidade é ressignificado de modo que tudo passa a ser transitório e fugaz. A própria filosofia que, na modernidade sólida, contou com os

“filósofos legisladores”, vê-se resignificada na modernidade líquida, porque não há mais lugar para as metanarrativas (BUNGENSTAB, 2014).

Santos e Silva (2012) entendem que, para Bauman, a Modernidade se apresenta como um momento todo particular de derretimento dos sólidos. No lugar, emergem o caos e a desordem que Bauman designa como “ambivalências”. Contudo, o que ocorreu é que os líquidos tomaram conta e não deram espaço para que verdades sólidas se instalassem.

Silva, Mendes e Alves (2015), ao interpretarem as ideias de derretimento dos sólidos de Bauman, e ao relacionar o contexto atual — a atual conjectura de liquidez da sociedade contemporânea —, com uma modificação do momento da modernidade líquida em que as pessoas viveram anteriormente, assim se expressam:

O autor postula que derreter sólidos está intimamente relacionado com a possibilidade de operar livremente com a racionalidade, ou seja, libertar-se dos grilhões de sociedade clássica alicerçada nas tradições, crenças e instituições que determinassem padrões rígidos de conduta e pensamento. Assim, a modernidade significa o fim da crença, em uma ordem revelada e mantida por Deus, sendo que a evolução humana encontra-se no mundo por conta própria e sem amarras (SILVA; MENDES; ALVES, 2015, p. 251).

Contribuiu para pensarmos no oposto da modernidade líquida, o pensamento de Jean-Paul Sartre, que postulou com ênfase a questão da liberdade humana e da importância de construirmos um projeto de vida. Bauman diagnosticou que, se o jovem já mergulha em dúvidas quando necessita traçar um projeto para o próximo ano de sua vida, traçar um projeto para toda a vida parece ser uma tarefa impraticável. Como as identidades flutuam no ar, os indivíduos encontram dificuldades quando o tema se volta para ideais para toda a vida. Eles se sentem inseguros justamente porque a metafísica das verdades inquestionáveis desmoronou na contemporaneidade.

Sobre o derretimento dos sólidos e a configuração social das sociedades contemporâneas, Souza (2012, p. 15) enfatiza que “[...] o derretimento dos sólidos foi a proposta de uma era que pretendia se livrar de todos os resquícios da Idade Média”. Assim, toda a crença da Idade Média em uma providência divina que governaria o mundo, uma ordem divina do universo, foi colocada em xeque. Em nome da defesa do pensamento autônomo, culminando com a máxima do “ousa pensar por si mesmo” do pensamento iluminista, a Modernidade é proposta como movimento de duvidar de tudo aquilo que foi considerado seguro, como nos assegurava Descartes (2009). Nos dizeres de Souza (2012, p. 17): “A ciência deveria libertar os homens e as mulheres, essa era a expectativa que muitos visualizavam como alcançável, fazê-los senhores de sua autoafirmação”.

No contexto da busca da autonomia do pensamento, o advento da tecnologia contribuiu para que se entendesse que Francis Bacon estava correto com sua máxima “saber é poder”. Todavia, o advento da modernidade líquida põe fim a uma busca por um “telos”, ao propugnar o fim das metanarrativas. Os planos de longo prazo apresentam-se como algo descartável, porque agora vivemos a era do flexível e do efêmero. No lugar dos dogmatismos, encontramos um mar de incertezas em que as verdades são voláteis, passageiras. Os prazeres imediatos são idolatrados no lugar das atitudes de sacrifício por ideais cujos resultados seriam fornecidos em longo prazo.

Bauman (2001, p. 7) inicia sua obra dizendo que vivemos na sociedade da fluidez e que “fluidez é a qualidade de líquidos e gases”. O sociólogo discorre sobre a liquidez, demonstrando que, enquanto o sólido mantém a sua forma, os líquidos não possuem uma forma fixa. Se adentrarmos a seara das amizades virtuais, perceberemos o quanto são fugazes. Com muita facilidade, em rede virtual, as pessoas adicionam “amizades”; com facilidade muito maior ainda, delas se desconectam e deixam de ser amigas de alguém virtualmente. Se, no mundo real, nossas possibilidades de amizade eram limitadas, no mundo virtual, podemos criar diversos perfis e sermos amigos de muitos, mas, ao mesmo tempo, não sermos amigos de ninguém — eis o paradoxo da modernidade líquida. Da mesma forma, existem os que têm milhares de amigos virtuais, porém, no dia a dia, vivem sós, sem um amigo por perto. Sobre a modernidade fluida, Bauman (2001) afirma:

Seria imprudente negar, ou mesmo subestimar, a profunda mudança que o advento da “modernidade fluida” produziu na condição humana. O fato de que a estrutura sistêmica seja remota e inalcançável, aliado ao estado fluido e não-estruturado do cenário imediato da política-vida, muda aquela condição de um modo radical e requer que repensemos os velhos conceitos que costumavam cercar suas narrativas. Como zumbis, esses conceitos são hoje mortos-vivos. A questão prática consiste em saber se sua ressurreição, ainda que em nova forma ou encarnação, é possível; ou – se não for – como fazer com eles tenham um enterro decente e eficaz (BAUMAN, 2001, p. 15).

Bauman (2001) entende que a sociedade do século XXI é moderna de modo diferente, mas é tão moderna quanto a sociedade do século XX, e que, também, a insatisfação ronda o comportamento humano nas mais diversas situações. Nas palavras do filósofo, “[...] ser moderno passou a significar ser incapaz de parar e ainda menos de ficar parado” (BAUMAN, 2001, p. 37). Nessa acepção, poderíamos parafrasear Heráclito, filósofo pré-socrático, que dizia que tudo flui, que tudo é um contínuo vir a ser. Tal entendimento, no contexto da modernidade líquida, assumiria a posição de algo que nunca se fixa em uma identidade porque se modifica continuamente.

Na perspectiva da incerteza, segundo Bauman (2001, p. 73), “[...] as vidas humanas consomem-se na agonia quanto à escolha de objetivos”. Existem, no mundo, tantas oportunidades disponíveis que os indivíduos se perdem nas possibilidades e, como existem tantas, muitos, especialmente a juventude, têm dificuldades de organizar-se para cumprir metas em longo prazo.

Neste mundo líquido, como as pessoas poderiam livrar-se de tantas angústias diante das incertezas? Comprar mais e mais. Bauman (2001) entende o comprar como um rito de exorcismo na sociedade contemporânea. A compulsão de comprar transformada em vício apresenta-se como um resultado do impulso hedonista que povoa o imaginário no contexto da sociedade líquida.

Dessa maneira, Bauman (2007) entende que uma das caracterizações dos tempos líquidos é a de que há um colapso do planejamento em longo prazo; além disso, nesse mundo líquido, valorizamos demasiadamente a flexibilidade, em vez da conformidade com as normas que eram próprias da modernidade sólida. Nossas perspectivas de vida são instáveis; a noção de estabilidade no emprego e nos relacionamentos perde lugar para uma fluidez constante. Passamos, segundo Bauman (2007), a alimentar um grande medo existencial, conforme podemos depreender também do pensamento de Foucault (2014), que anunciara que vivemos na sociedade do “vigiar e punir”. Em nome do medo da segurança pessoal não ser respeitada, nossa vida torna-se um grande *big brother*, em que constantemente estamos sendo vigiados, para não dizermos perseguidos por câmeras que monitoram nosso comportamento por onde quer que caminhemos.

Bauman (2007) tematiza a guerra contra o terror como um paradoxo. Segundo o autor:

Dada a natureza do terrorismo contemporâneo, a própria noção de “guerra contra o terror” é, distoantamente, uma *contradictio in adjecto*. As armas modernas, concebidas e desenvolvidas numa era de invasão e conquista territorial, são singularmente inadequadas para localizar, atacar e destruir alvos extraterritoriais, endemicamente evasivos e eminentemente móveis, pelotões minúsculos ou apenas pessoas sozinhas viajando com pouca bagagem, desaparecendo do lugar de ataque de modo tão rápido e discreto quanto chegaram, deixando para trás poucos rastros, se é que algum. [...]. Se o propósito dos terroristas é espalhar o terror entre a população inimiga, o exército e a polícia dos inimigos certamente vão assegurar que esse objetivo seja atingido num grau muito maior que o nível ao qual os terroristas seriam capazes de alcançar (BAUMAN, 2007, p. 25).

Além de tematizar essa luta contra o terrorismo, que acaba por utilizar-se também de meios violentos para combatê-lo, Bauman (2007, p. 30) também evidencia o novo individualismo que conduz a um “definhamento da solidariedade”. Por um lado, a globalização faz com que cidadãos de países diferentes estejam próximos por meios virtuais, mas, por outro

lado, distancia aqueles que estão próximos. Em 2020, percebemos também como a globalização, com trânsito de viajantes para todos os cantos do mundo, possibilitou a pandemia do coronavírus, a qual marcará nosso século. Assim sendo, podemos observar como um mundo globalizado pode oferecer muitos avanços, mas, ao mesmo tempo, ser surpreendido maleficamente por comunicações que o trânsito global proporciona. Nesse mesmo contexto, podemos destacar os efeitos daninhos das *fake news*, que colaboram para aumentar a desinformação, a propagação do vírus e o desespero, a ponto de se acreditar que o vírus poderia ser transportado pelas torres de transmissão de Internet, e, por isso, ateou-se fogo nelas, como aconteceu no Reino Unido (LAWRIE, 2020).

Bauman (2007), sobre a questão da globalização, entende que estamos produzindo resíduos em demasia, porque somos consumidores vorazes e, assim, corremos o risco de nos “afogar em nosso próprio lixo” (BAUMAN, 2007, p. 35). Nesse sentido, as questões ambientais destacam-se não apenas como um problema com que somente ambientalistas deveriam se preocupar — a todos os cidadãos, na realidade, impõe-se o dever de se interessarem e contribuírem para preservar a perpetuação da vida humana no planeta. Como afirma Hans Jonas (2011, p. 40), filósofo contemporâneo, é preciso assumirmos o imperativo categórico atualizado para a sociedade da tecnologia com a seguinte máxima: “Age de tal maneira que a máxima de tua ação garanta a perpetuação da vida humana no planeta”. O diagnóstico de Hans Jonas não é o de que a vida vai se extinguir no planeta, mas a constatação de que a vida humana pode deixar de ali existir. Isso se deve, em grande parte, ao entendimento de que, em se tratando de questões científicas, não se respeitam parâmetros éticos. O extraordinário desenvolvimento da técnica ignorou a necessidade de um caminhar paralelo à ética no que se refere ao alcance e ao limite da responsabilidade da ação humana, capaz de reprimir consequências assustadoras em relação ao futuro do planeta. Com isso, evidentemente, nem Hans Jonas, nem Bauman (2007) contrariam a ciência e o desenvolvimento tecnológico; na verdade, chamam a atenção para o fato de que, ao mesmo tempo em que a ciência avançou, também os desafios bioéticos cresceram. É necessário, assim, ponderarmos as consequências do agir humano pensando na possibilidade de extinção da vida humana no planeta. Nessa perspectiva, Bauman (2007) afirma sobre a questão do lixo industrial e doméstico:

Embora as consequências mórbidas do lixo industrial e doméstico para o equilíbrio ecológico e para a capacidade de reprodução do planeta venham sendo há algum tempo matéria de preocupação intensa (embora os debates tenham sido seguidos de pouca ação), ainda não chegamos perto de perceber e entender os efeitos de longo alcance das massas cada vez maiores de *pessoas desperdiçadas* no equilíbrio político e social da coexistência humana planetária. Mas é tempo de começar. Numa situação essencialmente inusitada como a nossa, nem o exame da lista de suspeitos usuais nem

o recurso aos meios habituais de lidar com eles serão de muita utilidade para compreender o que está se passando (BAUMAN, 2007, p. 35, grifo do autor).

As questões ambientais constituem um problema global; dessa forma, se não começarmos a repensar a maneira de relacionarmos-nos com o mundo, dificuldades de sobrevivência se multiplicarão. Bauman (2007) entende também como um problema de difícil solução o avanço de criminosos e de traficantes que agem de forma organizada e cerceiam a liberdade das pessoas. Assim, os cidadãos veem-se na contingência de fechar-se em suas residências para se protegerem contra os ataques aos que se achariam expostos ao exercerem o seu direito de ir e de vir.

Acrescentamos, ainda, o drama de uma grande parcela da população constituída de refugiados, cuja sobrevivência depende da solidária acolhida de outros países. O país que acolhe, por sua vez, também sofre pressões de representantes da classe trabalhadora, que temem que tais degredados intensifiquem a questão do desemprego já instalado. Nesse sentido, “[...] os refugiados são a própria encarnação do ‘lixo humano’, sem função útil a desempenhar na terra em que chegam onde permanecerão temporariamente” (BAUMAN, 2007, p. 47). Assim, em tempo de modernidade líquida, a ideia de progresso advinda do positivismo de Comte pode ser questionada sobre qual progresso estamos falando, tendo em vista que o próprio mundo da técnica construiu muros no que diz respeito ao desenvolvimento do homem e à dignidade do ser humano.

Bauman (2007) também entende como problemáticos os grandes conglomerados humanos que se formam nas cidades. Sem perspectivas no campo devido às grandes concentrações latifundiárias, os camponeses deixam o campo e migram para a cidade com fortes esperanças de melhores dias para suas famílias, mas acabam tendo dificuldades de se inserirem no mercado de trabalho devido à falta de preparação profissional. Assim, diante da impossibilidade de retornarem ao campo, refugiaram-se na informalidade e, como lamentável consequência, viram-se sem condições de moradia digna; a partir disso, grandes problemas sociais desencadearam-se. O capitalismo não tende a resolver os problemas sociais; ao contrário, tende a maximizar tais dramas porque foca seu objetivo no lucro que a massa trabalhadora gera. Esse sistema limita-se a pagar salários, visto que outras questões sociais inexistem para empresas. Nessa perspectiva, Bauman (2007) afirma:

As cidades contemporâneas são, por esse motivo, os estágios ou campos de batalha em que os poderes globais e os significados e identidades teimosamente locais se encontram, se chocam, lutam e buscam um acordo satisfatório, ou apenas tolerável – um modo de convivência que, se espera, seja uma paz duradoura, mas que a regra mostra ser apenas um armistício; breves intervalos para consertar defesas rompidas e

redistribuir unidades de combate. É esse confronto, e não qualquer fator isolado, que põe em movimento e orienta a dinâmica da cidade “líquido-moderna” (BAUMAN, 2007, p. 87).

Nesse contexto líquido-moderno, os problemas das cidades terão dificuldades de serem resolvidos, porque as instituições, inclusive as públicas, tendem a avaliar as situações pela óptica das relações de consumo. “Hoje as instituições do Estado são concebidas, moldadas e apresentadas segundo o modelo de uma sociedade de mercado” (BAUMAN, 2016, p. 33).

Vivenciamos atualmente o neoliberalismo, em que se apregoa o Estado mínimo, mas, quando as grandes corporações capitalistas enfrentam problemas financeiros, não hesitam em pressionar o Estado para que intervenha liberando recursos. Quanto ao cidadão, o neoliberalismo anuncia que todos dispõem de igualdade de chances de superar-se no mercado de trabalho e conseguir um espaço na sociedade; assim, para o neoliberalismo, o Estado deve ser mínimo, não intervir na economia e minimizar gastos no âmbito de setores fundamentais como saúde e educação.

No que se refere aos refugiados, Bauman (2017) cita o Papa Francisco como uma referência de liderança que, em 2013, durante visita a Lampedusa, criticou as lideranças políticas que lavam as suas mãos diante da situação lamentável em que vivem os desterrados. Bauman (2017) dedica toda a sua obra *Estranhos à nossa porta* a refletir acerca da necessidade de acolhimento humanitário de refugiados. O autor exorta-nos, assim, a respeitar a dignidade de cada pessoa humana.

Após expormos o pensamento de Bauman, voltamo-nos, mais especificamente, à temática do consumismo, muito embora já tenhamos apresentado a temática intrincada à questão do mundo líquido na primeira seção.

### **3 Consumismo na contemporaneidade no entendimento de Bauman**

Na interpretação de Bauman, estamos imersos em uma sociedade que induz, desde a mais tenra idade, ao consumo. Trata-se de uma busca insaciável de consumir, pois quem não compra carece de dignidade (FURLAN; MAIO, 2016). Tudo passa a ser adquirido muito rapidamente, mas é descartado mais facilmente ainda.

A modernidade líquida culmina, assim, com a instalação institucionalizada de uma sociedade consumista. Nas palavras de Bauman (2001):

Em uma sociedade de consumo, compartilhar a dependência de consumidor – a dependência *universal* das compras – é a condição *sine qua non* de toda liberdade *individual*, acima de tudo da liberdade de ser diferente, de “ter identidade”. Num

arroubo de sinceridade (ao mesmo tempo em que acena para os clientes sofisticados que sabem como é o jogo), um comercial de TV mostra uma multidão de mulheres com uma variedade de penteados e cores de cabelos, quanto o narrador comenta: “Todas únicas, todas individuais, todas escolhem “X”. [...] A identidade – “única” – e “individual” – só pode ser gravada na substância que todo o mundo compra e que só pode ser encontrada quando se compra (BAUMAN, 2001, p. 98, grifos do autor).

Assim, quando não podem comprar, muitos chegam a ficar depressivos porque não podem agradar ao “deus comprar”. Para comprar mais, aumentam a sua jornada de trabalho, e o trabalho pode se tornar alienante. As crianças precisam construir uma espécie de currículo *vitae* com diversos cursos, ocupando o máximo de tempo na busca de condições de serem empregáveis no futuro. Os *shoppings* transformam-se em grandes templos de consumo e os grandes centros são visitados especialmente aos domingos; assim como no catolicismo, em que o sacrifício de Cristo se renova a cada missa, também nos *shoppings*, a cada compra, renova-se o ritual de comprar e tornar vivo o “sacrifício” de comprar.

França e Jaques (2017) entendem que o consumismo vai muito além de um aspecto meramente econômico para atingir outras esferas da vida social. As autoras indicam que ganha notoriedade a expressão “*consumo; logo, existo*” (FRANÇA; JAQUES, 2017, p. 134, grifo das autoras). Defende-se a ideia de que, quando o consumismo é consciente, não é tão nocivo; ideologicamente, dissemina-se o ideário de que se popularizou o consumismo para classes sociais que antes não dispunham de acesso a muitos bens de consumo.

Nesse contexto, “[...] vê-se a emergência de uma sociedade que adotou a cultura consumista como única forma possível de estar no mundo e de se relacionar” (FRANÇA; JAQUES, 2017, p. 135). Somos, na sociedade capitalista, bombardeados pelo imperativo do consumir e as relações de consumo passam a direcionar o próprio sentido da existência. Para França e Jaques (2017, p. 136), “[...] para todo lado que se olha, o marketing e a propaganda estão apontando para o que as pessoas devem comer, vestir e fazer” (FRANÇA, JAQUES, 2017, p. 136). Parafrazeando o filósofo Kant (2003), talvez pudéssemos afirmar: age de tal maneira que a máxima de sua ação seja consumir. Nesse contexto, quem não consome passa a ser considerado um pária, um ser insignificante no mundo do poder em que o consumo impera, no qual aquele que não dispõe de condições para consumir se sente inferiorizado.

Diante dos imperativos de consumir a todo custo, sente-se a necessidade de trabalhar mais horas diárias para dispor dos recursos que o consumo impõe. A humanidade torna-se, assim, escrava do consumo, o qual aliena e impele a gastar mais. Tudo passa a ser considerado um produto no âmbito da vida. A própria educação torna-se uma mercadoria e o aluno de uma instituição de ensino, por exemplo, passa a ser considerado um cliente da empresa chamada

“escola”. Assim, esferas da vida, em que valores centrais não eram antes comercializados, passaram a ser entendidas a partir de questões monetárias e a cultura de tudo transformado em mercadoria passou a prevalecer em cada relacionamento humano (FRANÇA; JAQUES, 2017). A moda e a publicidade agem na vida das pessoas criando o ideário artificial de que consumir determinados produtos é a opção mais significativa da existência.

Os impactos da modernidade líquida influenciam nas mais diversas compreensões metafísicas, como a ideia de Deus, por exemplo. Neste sentido, Silva, Mendes e Alves (2015), ao abordarem o conceito de modernidade líquida, consideram que é complexa a questão de examinar com profundidade tal conceito. A morte de Deus na Modernidade, preconizada pelo filósofo Nietzsche (1974), exemplifica a questão da liquefação dos sólidos. A máxima autoridade da modernidade sólida, que era Deus, passa a ser considerada, por muitos, ou ao menos por alguns, uma entidade metafísica abstrata e sem conteúdo concreto.

No contexto do sistema neoliberal, segundo Bauman (2005), multiplicam-se aqueles que são considerados “redundantes”. E o que significa isso? “Significa ser extranumerário, desnecessário, sem uso” (BAUMAN, 2005, p. 20). Dessa forma, o que leva alguém a ser considerado redundante envolve, sobretudo, questões financeiras. No mundo do consumo, quem não consome está fadado a ser considerado um peso para o mundo. O universo capitalista entende como “refugo humano” (BAUMAN, 2005, p. 21) os que não conseguem formas de se empregar na sociedade e, assim, são continuamente considerados pelo capitalismo como um lixo humano, um peso. Os capitalistas não só não querem ajudá-los como também não querem que o Estado os ajude.

Nessa sociedade de consumo, Bauman (2005) traça uma crítica ao excesso de informação produzida: “O excesso de informação é grande demais para ser descarregado nos cérebros humanos — ou mesmo nos seus repositórios convencionais ou bibliotecas” (BAUMAN, 2005, p. 37). Padecemos, desse modo, de excesso de informação. A Internet, nesse contexto, caracteriza-se pelo volume considerável de novos dados, com constante sobrecarga de informações. No entanto, essa sobrecarga não produz necessariamente cultura, porque vastidão não significa excelência em qualidade; assim, tal produção é questionável. Notícias são veiculadas em volume desmedido, mas nem sempre os receptores investigam a fonte de tais informações. A Internet e, sobremaneira, as redes sociais tornaram muitos jornalistas cientistas. Nesse sentido, a partir de verdadeiros achismos, todos expõem a sua opinião, mesmo que totalmente destituída de fundamento científico.

Bauman (2005) discorre sobre o fato de que as pessoas fazem esforços permanentes para cumprir metas de produção no mundo capitalista e tudo isso as move para o desencanto, para a

depressão, porque prevalece um clima de insegurança. Como tudo é líquido, tudo é mercadoria, os indivíduos se sentem objetos no mundo do consumo. Até mesmo quando alguém busca um relacionamento, pode clicar em um *site* específico e encontrar um “produto” humano que se adeque aos seus desejos de consumidor/a. A respeito desse clima em que vivemos, também se instala uma desconfiança generalizada. Assim sendo, Bauman (2005) afirma:

A confiança é substituída pela suspeita universal. Presume-se que todos os vínculos sejam precários, duvidosos, semelhantes a armadilhas e emboscadas – até prova em contrário. Mas, na ausência de confiança, a própria ideia de “prova” para não falar de prova segura e final, está longe de ser clara e conveniente (BAUMAN, 2005, p. 116).

No mundo do consumo, todo aquele que sai da esteira de ser um consumista voraz passa a ser considerado imprestável e, assim, não goza de prestígio na sociedade de consumo. Nos dizeres de Bauman (2005, p. 123), “[...] a modernidade líquida é uma civilização do excesso, da superfluidade, do refugio e de sua remoção”. Quem que não se adapte ao ritmo do consumismo é removido da vida em sociedade. Os *shoppings*, como já afirmamos, são os templos do consumo; sua natureza é para que se visite tais ambientes para prestar adoração ao deus consumo. Comprar, eis o primeiro mandamento da sociedade capitalista moderna. Muitas vezes, as pessoas tornam-se escravas desse consumo e nem percebem que o são porque vivem dominadas pela motivação de consumir compulsivamente.

Bauman (2008) entende que adolescentes vivem equipados com confessionários portáteis nas mãos, expondo constantemente o que lhes acontece na vida. Gera-se, então, uma dependência difícil de ser superada em relação ao mundo dos confessionários digitais. Bauman (2008, p. 20) discorre sobre o fato de que, “[...] na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria”. Nessa perspectiva, as pessoas, ao mesmo tempo em que consomem, também são consumíveis, porque são transformadas em mercadoria. Na panaceia do consumo, desejam consumir e aceitam transformar-se em mercadoria com o objetivo de saírem da “[...] invisibilidade e imaterialidade cinza e monótona” (BAUMAN, 2008, p. 21). O ser humano, angustiado constantemente pela contínua insegurança com que se depara no cotidiano, vê-se aliviado no ato de comprar; quanto mais compra, mais a necessidade de comprar se manifesta. O mundo todo adora o deus do consumo e, como as vendas pela Internet funcionam 24 horas, pode-se comprar a qualquer momento, e, dessa maneira, a devoção ao consumo pode ser constante. Mas, afinal, o que é consumismo para Bauman? Nas palavras do próprio sociólogo:

Pode-se dizer que o “consumismo” é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, “neutros quanto ao regime”, transformando-os na *principal força propulsora e operativa da sociedade*, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel importante nos processos de autoidentificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas de vida individuais (BAUMAN, 2008, p. 41, grifo do autor).

Assim, o consumo difere do consumismo justamente porque o consumo é próprio apenas do sujeito que necessita comprar para sua sobrevivência e poder viver, já o consumismo passa a ser considerado como uma característica da própria sociedade que se torna compulsivamente consumidora. As pessoas sentem-se dominadas pelo impulso do ter e do juntar o que quer que seja. Concomitantemente, cansam-se facilmente dos produtos e passam a descartar e a substituir. A obsolescência programada faz com que todo bem dure pouco e tenha que ser substituído.

Bauman (2008) afirma que é controverso na sociedade de consumo considerar que se é mais feliz do que nas sociedades da modernidade sólida, mas o que é certo é que há uma contínua insatisfação no seio da modernidade consumista. Bauman (2008) entende que, além de ser motivo de grande desperdício econômico, o consumismo “[...] aposta na irracionalidade dos consumidores e não em suas estimativas sóbrias e bem informadas; estimula emoções consumistas e não cultiva a razão” (BAUMAN, 2008, p. 65). Assim, o consumismo trabalha despertando não o lado racional, mas, sobretudo, a dimensão irracional dos seres humanos que se veem continuamente estimulados a consumir impulsiva e compulsivamente. O consumismo passa a afetar também as crianças, como podemos perceber nos dizeres de Bauman:

Tão logo aprendem a ler, ou talvez bem antes, a “dependência das compras” se estabelece nas crianças. Não há estratégias de treinamento distintas para meninos e meninas – o papel de consumidor, diferentemente do de produtor, não tem especificidade de gênero. Numa sociedade de consumidores, *todo mundo* precisa ser, deve ser e tem que ser um consumidor por vocação (ou seja, ver e tratar consumo como vocação). Nessa sociedade, o consumo visto e tratado como vocação é *ao mesmo tempo* um direito e um dever humano universal que não conhece exceção (BAUMAN, 2008, p. 73, grifos do autor).

Assim, estamos fadados a ser consumidores, e, se não o formos, a sociedade do consumo nos excluirá e nos rotulará como lixo. Nossa autoestima é determinada pelas relações de consumo vigentes na sociedade contemporânea. Nesse sentido, Bauman (2008, p. 75) aponta: “Consumir, portanto, significa investir na afiliação social de si próprio, o que numa sociedade de consumidores, traduz-se em ‘vendabilidade’”. O autor diagnostica que, na sociedade de consumo, o objetivo de consumir não é a satisfação de necessidades, mas é o fato de os que

consomem se transformarem também em mercadorias. Podemos perceber o quanto o capitalismo cria estatutos para o consumir quando assistimos aos jornais e vemos manchetes dizendo que o mercado reagiu positiva ou negativamente a uma determinada decisão governamental. Dessa maneira, os interesses das organizações capitalistas, multinacionais, passam a ter primazia sobre o bem-estar social.

Enfim, passamos a viver sob a égide de uma cultura consumista (BAUMAN, 2008). Nessa perspectiva, todos os produtos passam a ter uma validade reduzida e deixamo-nos seduzir pelo consumo de bens descartáveis; em sentido oposto, somos convidados a consumir aquilo que é novidade hoje e que, muito em breve, não o será mais. Passamos a ter uma vida voltada ao consumo e, por conseguinte, resta-nos o desafio de transformarmo-nos em mercadoria atraente e vendível no mundo do trabalho.

Segundo Fragoso (2011, p. 110), na “[...] modernidade líquida os indivíduos não possuem mais padrões de referência, nem códigos sociais e culturais que lhes possibilitem construir sua vida e se inserir dentro das condições de classe e cidadão”. Nessa perspectiva, as pessoas, por vezes, sentem-se desorientadas e sem estímulos para atribuir um sentido à sua existência. O mundo do consumo propicia a ilusão de que tudo pode ser adquirido com dinheiro — uma ilusão, porque, embora existam formas múltiplas de compreensão acerca do que seja a felicidade, há um consenso de que a riqueza não é necessariamente produtora de felicidade.

Nesse contexto, aquele que entende que ser feliz se resume em comprar, acaba entrando em um círculo vicioso, tornando-se escravo do consumo. Em dimensão do relacionamento com o transcendente, os indivíduos já não estão ligados a pequenas comunidades; existe uma vivência da religião vinculada a eventos religiosos de massa e a uma fé vivenciada de maneira individual. O individualismo é uma das grandes consequências da modernidade líquida. Nesse particular, assim afirma Fragoso (2011, p. 122): “A modernidade líquida pode ser entendida como um processo de individualização e privatização do espaço público”. Resgatarmos o espaço público é, desse modo, de fundamental importância na busca da emancipação do ser humano, o que será possível se ela se direcionar para uma conscientização de que é necessário fugirmos do individualismo e caminharmos para uma convivência comunitária.

Grandes corporações capitalistas exploram o ego dos indivíduos de maneira tal que os consumidores compulsivos se sentem importantes quando adquirem e ostentam artigos de uma marca determinada. Conforme Bauman (2001), comprar torna-se um vício e é difícil não se deixar seduzir. Nesse contexto da modernidade líquida, por ser tudo fugaz e passageiro, os indivíduos dificilmente podem se libertar do desejo de comprar; não se pensa que não se precisa de consumo para viver, que se tem muitas coisas que não são usadas, pois a vida torna-se uma

feira de compras. Conforme Bauman (2001), na sociedade contemporânea há uma constante busca de valorização pelo consumo e a própria identidade individual acaba, em alguns aspectos, reduzida à dimensão do seu poder de compra.

Paradoxalmente, ainda que nada inesperadamente, o tipo de liberdade que a sociedade dos viciados em compras elevou ao posto máximo de valor – valor traduzido acima de tudo como a plenitude da escolha do consumidor e como a capacidade de tratar qualquer decisão na vida como uma escolha de consumidor – tem um efeito muito mais devastador nos espectadores relutantes do que naqueles a que ostensivamente se destina (BAUMAN, 2001, p. 104).

Não se pretende criticar o ato de comprar, mas sim demonstrar o paradoxo de uma sociedade que valoriza tanto a questão da liberdade e, concomitantemente, é escrava do ato de comprar. Nesta mesma linha, Bauman (2001) destaca a importância de uma reflexão epistemológica para percebermos o quão líquidos nos constituímos na Modernidade: temos dificuldades em traçar um projeto de vida porque tudo é interpretado tendo como fonte o hedonismo momentâneo; os jovens têm dificuldades em estabelecer relacionamentos duradouros; a grande meta de felicidade embasa-se em um projeto individual em que se busca realizar interesses pessoais em detrimento de qualquer projeto comunitário. Quando perguntamos aos jovens se desejam construir um projeto de vida, suas respostas são imediatistas e não contemplam um projeto futuro; têm dificuldades em sacrificar esforços no presente para atingir objetivos futuros.

#### **4 Considerações finais**

Neste artigo, buscamos desvelar as contribuições do pensamento de Bauman (2001, 2005, 2007, 2016), a fim de refletirmos sobre a constatação desse sociólogo acerca da sociedade contemporânea como modernidade líquida. A qualidade do líquido é que ele não tem forma e não mantém forma. Isso, no entendimento de Bauman (2001), gera grandes incertezas e inseguranças, porque perdemos nossos referenciais de valores. A sociedade capitalista entende que o valor de uma pessoa se pauta naquilo de que ela dispõe para gastar. Gastar mais é um imperativo categórico da sociedade capitalista. Com base em Descartes e Bauman, podemos trazer a máxima: consumo; logo, existo.

A modernidade líquida instala-se nas mais diversas esferas e tudo se torna efêmero e passageiro. Os próprios relacionamentos tornam-se fugazes. Amigos são adicionados nas redes sociais com a mais irrefletida facilidade e, também, são desconectados com mais facilidade ainda. No mundo real, nossa lista de amigos é bem limitada, mas, no mundo virtual, tendo

diversos perfis, pode-se ter uma imensa lista de amigos; amizades ilusórias, diríamos superficiais, pois a grande maioria nunca esteve tão só. Em cada perfil da Internet, as pessoas podem ser elas mesmas ou uma personagem criada pela fantasia.

Nesse mundo consumista, como nos apresenta Bauman (2001, 2005, 2007, 2016), tudo se torna volúvel e quem não pode consumir é excluído. O neoliberalismo apregoa ainda o Estado mínimo, que não deve dar atenção assistencial aos excluídos do mundo do consumo, àqueles que ficam à margem. Enfim, com este artigo, buscamos despertar reflexões sobre alguns aspectos do pensamento de Bauman, que convergem para uma análise da sociedade contemporânea sob os efeitos do consumismo. Outrossim, outras pesquisas poderão aprofundar nos impactos da modernidade líquida e do consumismo na educação e na formação das futuras gerações.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Babel: entre a incerteza e a esperança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2017.

BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho. Zygmunt Bauman: da juventude sólida para juventude líquida. **Cadernos Zygmunt Bauman**, São Luís, v. 4, n. 8, p. 47-68, 2014.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Tradução Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FRAGOSO, Tiago de Oliveira. Modernidade líquida e liberdade consumidora: o pensamento crítico de Zygmunt Bauman. **Revista Perspectivas Sociais**, Pelotas, ano 1, n. 1, p. 109-124, mar. 2011.

FRANÇA, Greyce Kelly Cruz de Souza; JAQUES, Sâmia Macedo. “Assim caminha a humanidade ao passo consumista e com vontade”: a conformação com o modo de vista consumista e a constituição de sujeitos ávidos a consumir. **Cadernos Zygmunt Bauman**, São Luís, v. 7, n. 13, p. 134-144, 2017.

FURLAN, Cássia Cristina; MAIO, Eliane Rose. Educação na modernidade líquida: entre tensões e desafios. **Mediações**, Londrina, v. 21, n. 2, p. 278-307, jul./dez. 2016.

JONAS, Hans. **O princípio Responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Prática**. Tradução Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LAWRIE, Eleanor. ‘Absurdo total’: cientistas condenam ‘teoria’ espalhada na internet de que 5G transmite coronavírus. **BBC News Brasil**, 7 abr. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52194322>. Acesso em: 2 set. 2021.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

OLIVEIRA, Larissa Pascutti de. Zygmunt Bauman: a sociedade contemporânea e a sociologia na modernidade líquida. **Sem Aspas**, Araraquara, v. 1, n. 1, p. 25-36, 2012.

SANTOS, Guilherme Ferreira; SILVA, Otávio Guimarães Tavares. Conceito de modernidade líquida: revisão teórica e implicações para a prática de vida. **Cadernos Zygmunt Bauman**, São Luís, v. 3, n. 5, p. 40-61, 2012.

SILVA, Rafael Bianchi; MENDES, Jéssica Paula Silva; ALVES, Rosiele dos Santos Lopes. O conceito de líquido em Zygmunt Bauman: contemporaneidade e produção de subjetividade. **Athenea Digital**, Bellaterra, v. 15, n. 2, p. 249-264, 2015.

SOUZA, Wuldsen Marcelo Leite. **Uma excursão pelo contemporâneo a partir do conceito de modernidade líquida de Zygmunt Bauman**. 2012. 112 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2012.